

Artigo de Opinião

Professora Sônia Cotrim
Centro de Ensino Médio 02
2018
professorasonia.com.br

Baleias não me emocionam

Hoje quero falar de gente e bichos. De notícias que frequentemente aparecem sobre baleias encalhadas e pinguins perdidos em alguma praia. Não sei se me aborrece ou me inquieta ver tantas pessoas acorrendo, torcendo, chorando, porque uma baleia morre encalhada. Mas certamente não me emociona.

1º parágrafo: questão polêmica

(apresentação do senso comum e opinião da autora)

Sei que não vão me achar muito simpática, mas eu não sou sempre simpática. Aliás, se não gosto de grosseria nem de vulgaridade, também desconfio dos eternos bonzinhos, dos politicamente corretos, dos sempre sorridentes ou gentis. Prefiro o olho no olho, a clareza e a sinceridade – desde que não machuque só pelo prazer de magoar ou por ressentimento.

Não gosto de ver bicho sofrendo: sempre curti animais, fui criada com eles. Na casa onde nasci e cresci, tive até uma coruja, chamada, sabe Deus por quê, Sebastião. Era branca, enorme, com aqueles olhos que reviravam. Fugiu da gaiola especialmente construída para ela, quase do tamanho de um pequeno quarto, e por muitos dias eu a procurei no topo das árvores, doída de saudade.

2º e 3º parágrafos: a autora defende sua opinião justificando seu ponto de vista

Na ilha improvável que havia no mínimo lago do jardim que se estendia atrás da casa, viveu a certa altura da minha infância um casal de veadinhos, dos quais um também fugiu. O outro morreu pouco depois. Segundo o jardineiro, morreu de saudade do fujão – minha primeira visão infantil de um amor romeu-e-julieta. Tive uma gata chamada Adelaide, nome da personagem sofredora de uma novela de rádio que fazia suspirar minha avó, e que meu irmão pequeno matou (a gata), nunca entendi como – uma das primeiras tragédias de que tive conhecimento. De modo que animais fazem parte de minha história, com muitas aventuras, divertimento e alguma emoção.

4º parágrafo: defende sua opinião justificando seu ponto de vista

Mas voltemos às baleias encalhadas: pessoas torcem as mãos, chegam máquinas variadas para içar os bichos, aplicam-se lençóis molhados, abrem-se manchetes em jornais e as televisões mostram tudo em horário nobre. O público, presente ou em casa, acompanha como se fosse alguém da família e, quando o fim chega, é lamentado quase com pêsames e oração.

5º parágrafo: retoma a questão polêmica e mostra a opinião de outros

Confesso que não consigo me comover da mesma forma: pouca sensibilidade, uma alma de gelos nórdicos, quem sabe? Mesmo os que não me apreciam, não creiam nisso. Não é que eu ache que sofrimento de animal não valha a pena, a solidariedade, o dinheiro. Mas eu preferia que tudo isso fosse gasto com eles depois de não haver mais crianças enfiando a cara no vidro de meu carro para pedir trocados, adultos famintos dormindo em bancos de praça, famílias morando embaixo de pontes ou adolescentes morrendo drogados nas calçadas.

6º parágrafo: retoma sua opinião.

Tenho certeza de que um mendigo morto na beira da praia causaria menos comoção do que uma baleia. Nenhum Greenpeace defensor de seres humanos se moveria. Nenhuma manchete seria estampada. Uma ambulância talvez levasse horas para chegar, o corpo coberto por um jornal, quem sabe uma vela acesa. Curiosidade, rostos virados, um sentimentozinho de culpa, possivelmente irritação: cadê as autoridades, ninguém toma providência?

Diante de um morto humano, ou de um candidato a morto na calçada, a gente se protege com uma armadura. De modo que (perdão) vejo sem entusiasmo as campanhas em favor dos animais – pelo menos enquanto se deletarem tão facilmente homens e mulheres

Como combater a doutrinação nas universidades sem balbúrdia

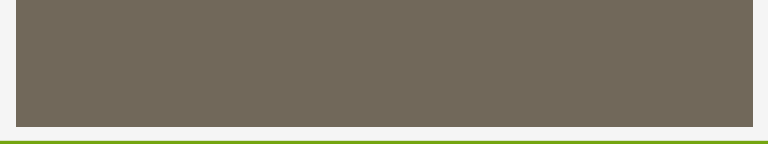
www.gazetadopovo.com.br/colunistas/pedro-menezes/

As universidades brasileiras estão tomadas pela balbúrdia, disse o ministro Abraham Weintraub. Balbúrdia, informa o dicionário, é trapalhada, complicação, situação confusa. A palavra se aplica bem às decisões recentes do ministro.

Inicialmente, o MEC pretendia cortar verba dos cursos de filosofia e sociologia. Não contava, porém, com o princípio da autonomia universitária. Obrigado a mudar de planos, o ministro Weintraub anunciou corte de 30% no orçamento de três universidades (UFF, UFBA e UNB) que desagradavam ao governo. Novamente, o ministro descobriu que não podia punir universidades específicas. Ao justificar ideologicamente a escolha das três afetadas, Abraham Weintraub tornou inconstitucional o corte que ele mesmo propôs. Por fim, o governo decidiu cortar 30% do orçamento de todas as universidades.

A balbúrdia de Weintraub, com seus toques autoritários, é mesmo uma má decisão, pelos motivos que expus nos primeiros parágrafos. Mas nem tudo o que combate a doutrinação precisa ser feito com pouca técnica e sem critérios objetivos, como faz o atual MEC. Muito pelo contrário.

Primeiramente, o corte anunciado não afetará professores de esquerda como Emir Sader ou Maria da Conceição Tavares. Seus salários e aposentadorias são gastos obrigatórios por lei. Nenhum presidente pode demitir professores livremente. Como resultado, os 30% devem ser aplicados ao resto do orçamento. Os maiores prejudicados serão faxineiras terceirizadas, obras, manutenções de laboratório e outros custos não-obrigatórios. Os cursos de sociologia e filosofia, portanto, devem sofrer menos que os de engenharia e medicina, dado que o ensino de humanas não exige muito mais que um professor.

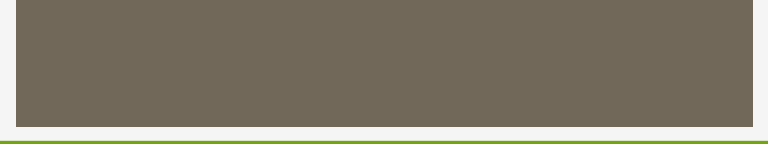


Em última análise, a doutrinação é um problema justamente por exigir a falta de técnica e critérios objetivos. Doutrinação é um desleixo técnico ideologicamente direcionado. Esta ocorre quando o professor esquece dados e métodos em nome de uma narrativa que lhe seduziu.

Como consequência, todo e qualquer combate à doutrinação deve ter como ponto de partida a adoção de critérios técnicos mais rígidos. Caso contrário, o governo pode acabar promovendo outro tipo de doutrinação, ao invés de combater a que já existia. Essa crítica se aplica bem ao ministro Weintraub.

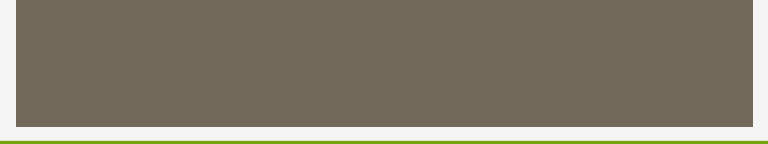
É possível combater a doutrinação corrigindo a avaliação que a CAPES faz dos periódicos nos quais os professores universitários publicam. Em economia, por exemplo, dois periódicos desenvolvimentistas (Journal of Post-Keynesian Economics e Cambridge Journal of Economics) são qualificados como A1, o maior de todos os níveis. Mas esses periódicos têm relevância internacional incomparavelmente menor à dos outros igualmente classificados pelo governo. Um forte lobby de economistas à esquerda trabalha para manter tal classificação, que permite a eles fingir que publicam nas melhores revistas acadêmicas do mundo.“

Um trabalho de Bernardo Guimarães, professor de economia da FGV-SP, mostra que as classificações de periódicos da área de economia distorcem consideravelmente a qualidade da obra dos pesquisadores brasileiros. Nos critérios da Qualis, muitos brasileiros se igualam aos melhores economistas de Harvard, Princeton e MIT. Um flagrante exagero gerado por critérios mal desenhados.



Há alguns anos, entrevistei o próprio Bernardo. Antes da FGV-SP, ele lecionava numa faculdade pública da Inglaterra, a London School of Economics, famosa como LSE. Perguntei as diferenças da LSE, renomada em todo o mundo, para as universidades públicas nacionais. Bernardo foi simples e direto: a diferença está na cobrança. Na Inglaterra, ele era cobrado a apresentar resultados excepcionais, seja em pesquisa ou no ensino; no Brasil, segundo ele, a cobrança é bem menor. Um professor brasileiro tem, desde o início da carreira, uma estabilidade que noutros países só é alcançada após décadas de docência.

O melhor caminho para combater a doutrinação é exigir de todo pesquisador o exato oposto: ciência séria. Para alcançar o objetivo, o MEC de Weintraub pode corrigir os critérios Qualis, expandir as políticas que condicionam o repasse de verbas ao alcance de metas, dentre outras medidas permitidas pela Constituição."



No front da educação básica, onde o problema provavelmente é mais sério, o MEC pode cobrar maior atenção ao currículo escolar. Ou avaliar os professores conforme o desempenho dos alunos em leitura e matemática. Se o professor for obrigado a focar no que importa, ele terá menos tempo para doutrinar. E alunos que aprendem a fazer contas e interpretar textos estão muito mais aptos a se proteger da doutrinação.

Para combater a doutrinação de esquerda, o MEC tem a sua disposição um imenso arsenal de políticas públicas efetivas e não-autoritárias. Weintraub, com seus cortes, preferiu a balbúrdia e ignorou a constitucionalidade. Assim, colocou em risco o sucesso de suas ideias.

Se o ministro tivesse apresentado um plano de longo prazo para incentivo às engenharias e ciências exatas, a polêmica nem teria começado. Não seria ilegal. Mas o MEC preferiu guiar sua comunicação com estratégia de blog politicamente incorreto, insistindo em polêmicas desnecessárias e fazendo mais barulho do que o desejado. Governos deveriam fazer o exato oposto.

Não há como justificar. Quem se importa com a doutrinação, que realmente existe em muitas escolas e universidades, sai insatisfeito, sem resultados. A julgar pelas últimas decisões do MEC, o governo não trabalha para combater a baixaria ideológica da esquerda, pois prefere concorrer com ela.

Por Pedro Menezes [06/05/2019]

Análise de um artigo

Pela descriminalização do aborto

Kennedy Alencar. Folha Online, Pensata.11/05/2007

(1) "Ninguém é a favor do aborto. A pergunta é: a mulher deve ser presa? Deve morrer?" A declaração é do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Defensiva, retrata como é difícil debater a descriminalização do aborto até 12 semanas de gestação (há um projeto em tramitação no Congresso). Pertinente, traz indagações que merecem discussão.

Análise de um artigo

(2) Lula tem razão quando diz que ninguém é a favor do aborto. Colocar a discussão nesses termos é transformar num Fla-Flu um grave problema de saúde pública que atinge sobretudo os mais pobres. É simplificar nuances legais, morais, éticas, religiosas.

Análise de um artigo

(3) Segundo dados do Ministério da Saúde, 220 mil mulheres procuram hospitais públicos por ano para tratar de sequelas de abortos clandestinos. Há estimativas extraoficiais de que sejam realizados mais de um 1 milhão de abortos por ano no Brasil.

(4) De 1941, a lei brasileira só permite a interrupção da gravidez em dois casos: se resultado de estupro e na hipótese de risco à vida da mãe. Fora disso, é crime. A pena pode chegar a três anos de prisão.

O autor apresenta a questão a ser discutida e contextualiza o tema em discussão, no cenário brasileiro.

Análise de um artigo

(5) Os ministros José Gomes Temporão (Saúde) e Nilcéa Freire (Políticas para as Mulheres) defendem a discussão e a eventual aprovação no Congresso da legalização do aborto até 12 semanas de gestação -- período até o qual, segundo cientistas, não há relação entre os neurônios.

(6) Juridicamente, a morte cerebral é entendida como o fim da vida. Os defensores da legalização do aborto até 12 semanas, por analogia, argumentam que a vida começaria com a atividade cerebral. Daí a proposta desse prazo-limite, já adotado em países que legalizaram a interrupção da gravidez.

O autor explicita sua posição e argumenta a favor dela, utilizando o argumento de autoridade científica e jurídica.

Análise de um artigo

(7) Para o Vaticano e outro grupo de cientistas, a vida começa na concepção (fecundação do óvulo pelo espermatozóide). E essa vida dura até seu declínio natural. O papa, portanto, não admite aborto, inclusive nos casos previstos na lei brasileira. E também é contra a eutanásia.

O autor considera a posição contrária à sua.

Análise de um artigo

(8) A Igreja Católica, o papa Bento 16 e qualquer cidadão contrário ao aborto têm o direito de defender seus pontos de vista e de lutar para que a legislação os contemple. As pessoas que desejam a legalização do aborto até 12 semanas de gestação também.

(9) Nenhuma das partes possui o direito de impor à outra o seu desejo. Numa democracia laica, essa decisão cabe ao conjunto da sociedade e aos legisladores respeitando-se, sempre, o direito das minorias.

O autor propõe uma negociação.

Análise de um artigo

(10) Mais: não será a legalização (ou descriminalização) do aborto até 12 semanas que obrigará as seguidoras de Bento 16 a interromper a gravidez. Não parece razoável supor que o número de abortos vá aumentar ou diminuir em função dessa eventual alteração da lei.

O autor antecipa possíveis argumentos contrários à sua posição.

Análise de um artigo

(11) Pesquisa Datafolha realizada em março mostrou que 65% dos entrevistados não desejam mudar a atual legislação do aborto. Ou seja, é mínima a chance de modificação via plebiscito. Ao longo do debate, talvez possa haver alteração desse quadro, mas não é o provável.

(12) Seria possível, entretanto, mostrar que a ciência avançou a ponto de poder, por exemplo, detectar uma má-formação do feto que inviabilize a sua vida fora do útero. Nessa hipótese, é justo impor a gestação à mulher? Enfim, um plebiscito daria pelo menos a chance de a população ficar mais esclarecida.

O autor retoma sua posição.

Análise de um artigo

(13) Mas Bento 16 e a Igreja Católica não aceitam plebiscito. Acusam os defensores da descriminalização do aborto de serem defensores da morte. Dizem que são a favor da vida e ponto, despejando dogmas com cartesianismo fundamentalista.

(14) Ora, interdição de debate não dá. Tampouco pressão política sobre o governo e o Congresso na base de ameaça de excomunhão.

Ele retoma a tese (a dificuldade do debate sobre a descriminalização do aborto) e conclui.

Gênero discursivo claramente argumentativo que tem por objetivo **expressar o ponto de vista do autor** que o assina sobre alguma **questão relevante** em termos sociais, políticos, culturais.

O **caráter argumentativo** do artigo de opinião é evidenciado pelas justificativas de posições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz.

A estrutura

1. Contextualização e/ou apresentação da questão que está sendo discutida.
2. Explicitação do posicionamento assumido.
3. Utilização de argumentos para sustentar a posição assumida.
4. Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.

A estrutura

5. Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.
6. Retomada da posição assumida.
7. Possibilidades de negociação.
8. Conclusão (ênfase ou retomada da tese ou posicionamento defendido).

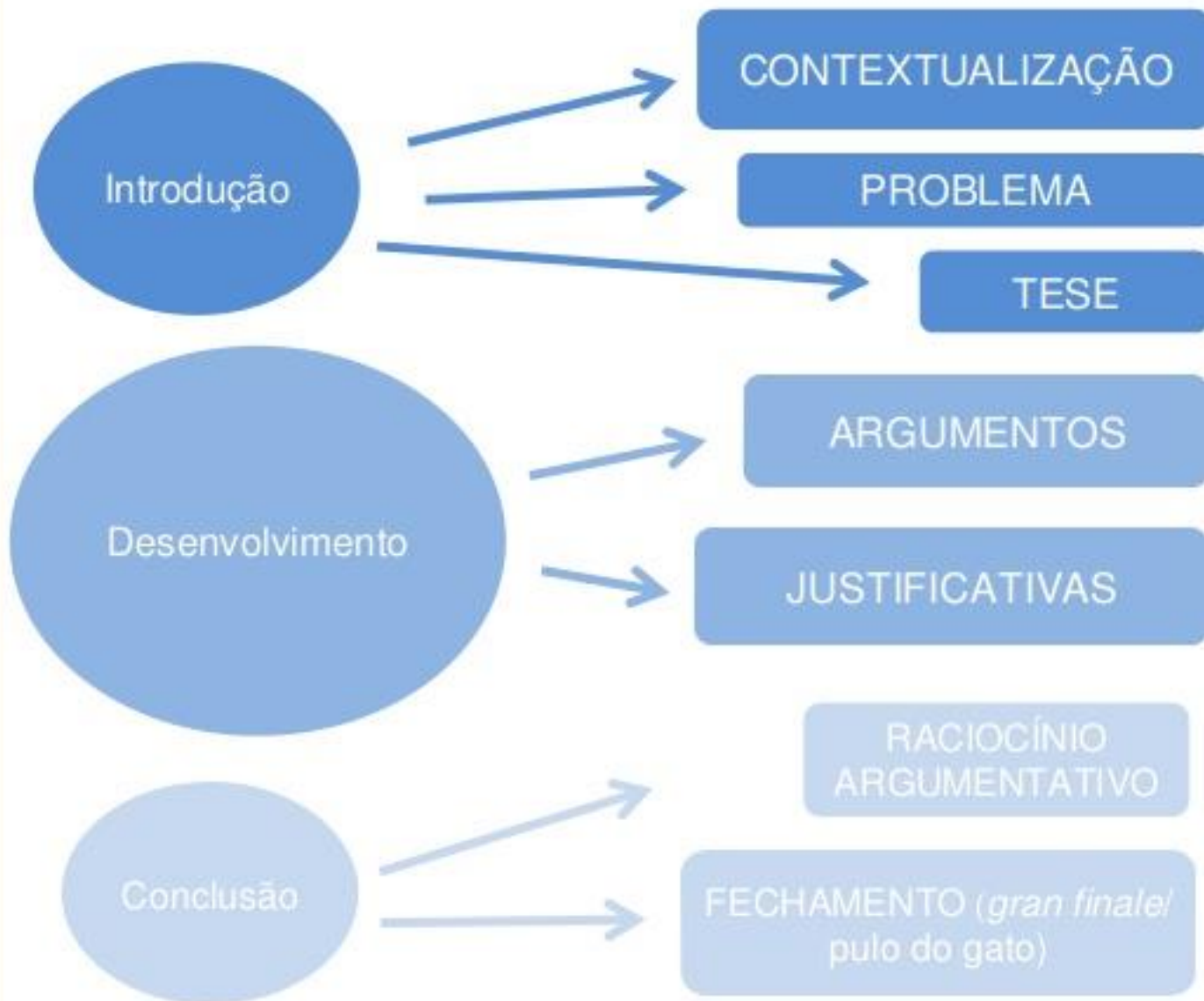
O esquema (sugestão para texto de, no máximo, 30 linhas)

Título chamativo

Autoria (conforme comando da proposta)

Primeiro parágrafo	Contextualização + tese	Introdução
Segundo parágrafo	Argumentação <small>(argumentos de autoridade)</small>	Desenvolvimento
Terceiro parágrafo	Argumentação <small>(argumentos favoráveis ao seu posicionamento)</small>	
Quarto parágrafo	Argumentação <small>(Posição contrária à sua + refutação)</small>	
Quinto parágrafo	Retomada da tese + observação final ("chave de ouro")	Conclusão

Título



Características

- ✓ Defende-se um ponto de vista sobre determinado assunto;
- ✓ O ponto de vista é fundamentado com argumentos;
- ✓ Figuras de linguagem (ironia, metáfora)/ conotação
- ✓ Variedade padrão;
- ✓ O autor pode colocar-se de modo pessoal (1ª pessoa) ou impessoal (3ª pessoa);
- ✓ Presença de palavras e expressões que introduzam opiniões pessoais ou impessoais.

Durante a escrita é preciso:

Não ignorar posições contrárias, pois se ignorar, mostrará que não está a par do debate, perdendo a oportunidade de refutar posições contrárias e provar que são inadequadas.

Trazer a voz de diferentes pessoas ou instituições e dialogar com elas (para refutar ou reforçar a própria posição).

Levar em consideração o “tom” do texto, que não deve ser muito impositivo. A estratégia-chave é **negociação**, por ser a estratégia mais viável para convencer o interlocutor (leitor).

Estamos com fome de amor

Arnaldo Jabor

Uma vez Renato Russo disse com uma sabedoria ímpar: "...digam o que disserem, o mal do século é a solidão" Pretensiosamente digo que assino em baixo sem dúvida alguma. Parem pra notar, os sinais estão batendo em nossa cara todos os dias.

Baladas recheadas de garotas lindas, com roupas cada vez mais micros e transparentes, danças e poses em closes ginecológicos, chegam sozinhas e saem sozinhas.

Empresários, advogados, engenheiros que estudaram, trabalharam, alcançaram sucesso profissional e, sozinhos. Tem mulher contratando homem para dançar com elas em bailes, os novíssimos "personal dance", incrível. E não é só isso não, se fosse, era resolvido fácil, alguém duvida?

Estamos com fome de amor

Arnaldo Jabor

Estamos é com carência de passear de mãos dadas, dar e receber carinho sem necessariamente ter que depois mostrar performances dignas de um atleta olímpico, fazer um jantar pra quem você gosta e depois saber que vão "apenas" dormirem abraçados, sabe essas coisas simples que perdemos nessa marcha de uma evolução cega. Pode fazer tudo, desde que não interrompa a carreira, a produção.

Tornamos-nos máquinas e agora estamos desesperados por não saber como voltar a "sentir", só isso, algo tão simples que a cada dia fica tão distante de nós.

Quem duvida do que estou dizendo, dá uma olhada no site de relacionamentos ORKUT, o número que comunidades como: "Quero um amor pra vida toda!", "Eu sou pra casar!" até a desesperançada "Nasci pra ser sozinho!"

Estamos com fome de amor

Arnaldo Jabor

Unindo milhares ou melhor milhões de solitários em meio a uma multidão de rostos cada vez mais estranhos, plásticos, quase etéreos e inacessíveis.

Vivemos cada vez mais tempo, retardamos o envelhecimento e estamos a cada dia mais belos e mais sozinhos. Sei que estou parecendo o solteirão infeliz, mas pelo contrário, pra chegar a escrever essas bobagens (mais que verdadeiras) é preciso encarar os fantasmas de frente e aceitar essa verdade de cara limpa.

Estamos com fome de amor

Arnaldo Jabor

Todo mundo quer ter alguém ao seu lado, mas hoje em dia é feio, démodé, brega. Alô gente! Felicidade, amor, todas essas emoções nos fazem parecer ridículos, abobalhados, e daí? Seja ridículo, não seja frustrado, "pague mico", saia gritando e falando bobagens, você vai descobrir mais cedo ou mais tarde que o tempo pra ser feliz é curto, e cada instante que vai embora não volta mais (estou muito brega!), aquela pessoa que passou hoje por você na rua, talvez nunca mais volte a vê-la, quem sabe ali estivesse a oportunidade de um sorriso a dois.

Estamos com fome de amor

Arnaldo Jabor

Quem disse que ser adulto é ser ranzinza. Um ditado tibetano diz que se um problema é grande demais, não pense nele e se ele é pequeno demais, pra quê pensar nele. Dá pra ser um homem de negócios e tomar iogurte com o dedo ou uma advogada de sucesso que adora rir de si mesma por ser establanada; o que realmente não dá é continuarmos achando que viver é out, que o vento não pode desmanchar o nosso cabelo ou que eu não posso me aventurar a dizer pra alguém: "vamos ter bons e maus momentos e uma hora ou outra, um dos dois ou quem sabe os dois, vão querer pular fora, mas se eu não pedir que fique comigo tenho certeza de que vou me arrepender pelo resto da vida".

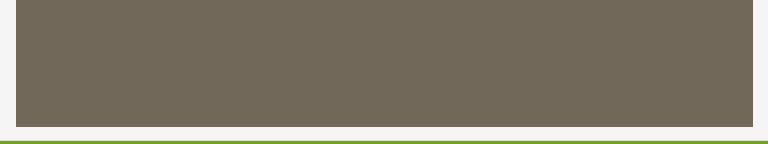
Antes idiota que infeliz!

CADA INDIVÍDUO É RESPONSÁVEL POR SUA CONDUTA

Cassildo Souza

Atribuir à sociedade como um todo a culpa por certos comportamentos errôneos não parece, em minha maneira de pensar, uma atitude sensata. Costumamos ouvir por aí coisas do tipo “O Brasil não tem mais jeito”, “O povo brasileiro é corrupto por natureza”, “Todas as pessoas são egoístas” e frases afins. Essa é uma visão já cristalizada no pensamento de boa parte de nosso povo.

Entretanto, se há equívocos, se existem erros, se modos ilícitos são verificados, eles sempre terão partido de um indivíduo. Mesmo que depois essas práticas se propaguem, somente serão contaminados por elas aqueles que assim o desejarem. Uma corporação que, por exemplo, está sob investigação criminal em decorrência da ação de alguns de seus componentes, não estará necessariamente corrompida em sua totalidade. Aliás, a meu juízo, isso é quase impossível de acontecer.



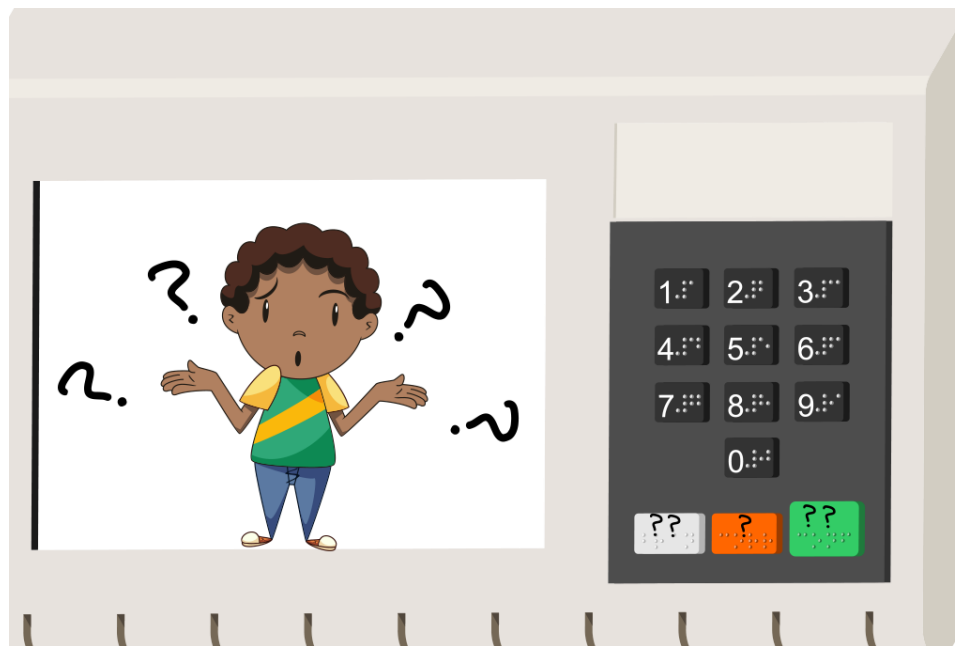
É preciso compreender que nem todo mundo se deixa influenciar por ações fraudulentas. De repente o que alguém acha interessante pode ser considerado totalmente inviável por outra pessoa e não acredito que seja justo um ser humano ser responsabilizado apenas por fazer parte de um grupo “contaminado”, mesmo sem ele, o cidadão, ter exercido qualquer coisa que comprometa a sua idoneidade moral.

Todos sabemos que um indivíduo é constituído suficientemente para pagar por suas falcatruas. Por isso, não concordo que haja julgamento geral. É preciso que saibamos separar o bom do ruim, o honesto do corrupto, o bom-caráter do mau-caráter, o dissimulado do verdadeiro. Todos têm consciência do que seja certo ou errado e devem carregar sozinhos o fardo de terem sido desleais, incorretos e vulgares, sem manchar a imagem daqueles que, por vias do destino, constituem certas facções que não apresentam, totalitariamente, uma conduta legal.

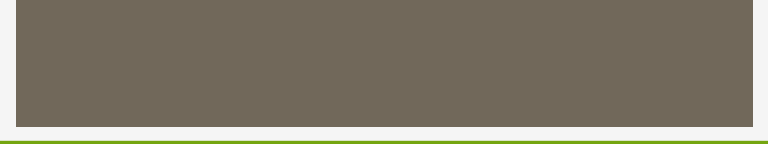
Nas eleições de 2018, desconfie da sua desconfiança

As fake news são um problema real, mas pior ainda é quem acha que tudo o que vai contra sua ideologia não passa de mentira.

Por Pedro Burgos access_time 2 fev 2018, 18h04 - Publicado em 24 jan 2018, 16h18 chat_bubble_outline more_horiz
<https://super.abril.com.br/opiniaio/nas-eleicoes-de-2018-desconfie-da-sua-desconfianca/>



(Montagem sobre/iStock)



O agente decisivo das eleições de 2018 está no seu bolso, e não é o seu dinheiro, mas o seu celular. Mais especificamente as conversas de WhatsApp, postagens de Facebook e vídeos no Twitter que apitam nele o dia todo. Esse tipo de informação vai ter um papel cada vez mais importante na decisão de voto. Não apenas porque há mais gente do que nunca nas redes sociais (mais da metade da população brasileira está no Facebook), mas porque haverá menos dinheiro nas campanhas eleitorais. Com empresas proibidas de fazer doações e a Justiça vigiando o caixa dois, os partidos irão preferir centrar o fogo onde já têm milhões de “fãs”, em vez de criar propagandas caras para a TV ou organizar showmícios. Essa mudança não só faz sentido economicamente, mas parece uma consequência natural de como nos organizamos: conversamos mais na internet, inclusive sobre política – logicamente, os candidatos vão querer participar da discussão. A princípio, não há nada terrível ou surpreendente nisso.

Mas converse com acadêmicos e estrategistas e o papo sobre política nas mídias sociais logo ganha contornos bélicos. Fala-se em “táticas de guerrilha”, “exército de robôs” e “campanha de desinformação”, como se o Facebook fosse um campo minado em que inocentes tentam navegar entre fotos de cachorros.

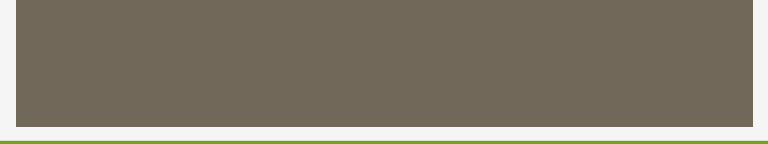
Essa noção de que as discussões sobre política no Facebook são coordenadas por grupos mal-intencionados é incrivelmente superestimada. E só atrapalha na hora de entender por que eleitores escolhem um ou outro político. No fim, a crença de que essas estratégias estão presentes é a causa e a consequência da polarização em que vivemos. Para quem vê conspiração em tudo, há dois campos na internet: “eles”, os que espalham mentiras, inclusive usando complicadas tramas tecnológicas, e “nós”, pessoas bem-intencionadas, alvos das mentiras.

Não que a paranoia tenha surgido do nada, claro. Uma reportagem da BBC Brasil revelou a existência de “fazendas de perfis falsos”: por R\$ 1,2 mil por mês, uma pessoa controlava 18 personas no Facebook e no Twitter para elogiar um candidato ou compartilhar o que mandavam. Esses fakes atuaram em 2014 e seguem atuando. Nos EUA, houve um certo pânico sobre o alcance dos sites criados para espalhar notícias falsas. Descobriu-se que jovens na pequena Macedônia estavam lucrando ao espalhar fake news como a de que o papa Francisco apoiava Trump. Incontáveis artigos foram escritos pedindo que as grandes plataformas online tomassem alguma providência.

Não sabemos quantos perfis fakes ou sites de fake news existem. Talvez isso não seja relevante. A questão é que o foco nessas novas modalidades de campanhas difamatórias ou clagues compradas – que sempre existiram – desviam a nossa atenção para problemas mais profundos do debate político. E pior: viram escudo para candidatos e uma forma de aumentar a própria polarização. Não à toa o termo “fake news” foi rapidamente apropriado por políticos que de fato mentem. Donald Trump, o presidente da Síria Bashar al-Assad e o venezuelano Nicolás Maduro incorporaram o termo “fake news” em seus discursos para desmerecer qualquer acusação.

Ou seja, em um intervalo de um ano, o problema passou de “fazendas de fake news” para “políticos usando o termo fake news”. Isso dá uma mostra de que o real problema era outro: a total descrença de parte importante da população nas instituições. Notícia acusando o seu candidato? “Fake news”. Condenação na Justiça? “Dois pesos e duas medidas”.

O Ibope, que analisa a confiança dos brasileiros em 18 instituições – dos bombeiros à presidência da República –, viu todas elas, sem nenhuma exceção, perderem credibilidade de 2009 para cá.



É claro que nenhuma instituição é perfeita, especialmente no Brasil, longe disso. Mas quando passamos da desconfiança saudável para o cinismo tóxico, de desacreditar nas instituições por padrão, a sociedade inteira perde. Se o primeiro instinto é crer que a mídia mente, que a Justiça é injusta e que todos os políticos atuam primordialmente sobre seus interesses próprios, a visão cínica que se segue nas mídias sociais é mera consequência. Se temos uma visão extremamente negativa sobre um político, “faz sentido” crer que os seus defensores sejam perfis falsos. Se, por outro lado, acreditamos piamente na inocência de um candidato, a ideia de que os jornais estão mentindo sobre ele, e que há grandes interesses por trás, ganha mais força.

Essa desconfiança desproporcional, que ajuda a pintar adversários como inimigos e torna plausíveis teorias conspiratórias, é a raiz de todos os problemas de desinformação hoje. Robôs, perfis fake e os algoritmos do Facebook não causaram isso, nem contribuíram significativamente para a desinformação. O que deve ficar mais claro este ano é que precisamos tomar cuidado mesmo é com gente de carne e osso – elas são bem melhores (ou mais perigosas) em explorar essa paranoia das pessoas, como ficou claro em um bizarro ataque à imprensa americana no fim de 2017.

O jornal Washington Post – um dos mais sérios do mundo – publicou uma série de relatos das vítimas sexuais de Roy Moore, o candidato republicano ao Senado pelo Alabama. As denúncias foram checadas com múltiplas testemunhas, apuradas por meses. Mesmo assim, um mês depois, 94% dos eleitores de Moore acreditavam que as denúncias eram falsas. Corria um boato nas mídias sociais dos conservadores que repórteres do Post estavam distribuindo dinheiro para quem quisesse fazer denúncias parecidas.

A dificuldade em aceitar discurso negativo já seria suficiente. Mas aí veio o mais bizarro. Uma mulher procurou repórteres do Post para dizer que foi estuprada por Moore quando tinha 15 anos. O Post fez o que jornalistas devem fazer: pediu mais informações, identificou inconsistências. Por duas semanas, os jornalistas checaram e entrevistaram novamente a suposta vítima. Até que descobriram que ela estava inventando tudo, e gravaram a conversa. Pior: ela estava sendo paga por uma organização que tem como propósito desacreditar a mídia. Os farsantes queriam “provar” que a mídia iria engolir qualquer denúncia grave contra o senador por puro partidarismo. Quebraram a cara.

Mas pode ter sido apenas sorte do Post. Outros ataques assim certamente acontecerão em um ano eleitoral. E políticos novamente irão desacreditar acusadores, com o objetivo de vacinar os seguidores contra denúncias reais. Não caia nessa.

A BELEZA NÃO É UM ATRIBUTO FUNDAMENTAL **(Luiz Alberto Py)**

Entre os mitos do amor — não provados porém muito acreditados — encontra-se o da beleza.

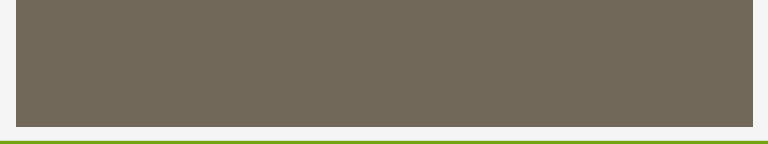
Diz-se que a paixão pede a beleza para crescer e nosso querido poeta Vinícius de Moraes chegou ao extremo de afirmar: *“As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”*.

Já na descrição homérica da guerra de Tróia, atribuía-se o conflito à beleza de Helena, reforçando a crença no poder da estética e em sua importância para o florescimento do amor.

No entanto, as coisas não se passam bem assim na realidade. Se a beleza fosse imprescindível para o amor, onde ficariam todos os feios e as feias que conhecemos, provavelmente a maior parte da população?

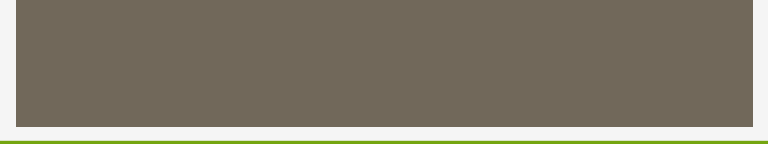
Eles precisariam perguntar ao poeta para que seria a beleza fundamental. Como a beleza é menos frequente do que a feiura, podemos presumir que a maioria formada pelos feios dê valor à qualidade que lhes é ausente e, por essa razão, haveria uma ponderável parcela de pessoas valorizando, até excessivamente, a beleza como qualidade importante na busca de um parceiro.

Para confirmar essa hipótese, podemos tomar o exemplo do próprio Vinícius de Moraes, que certamente já não primava pela beleza na época em que criou a famosa frase. Frequentemente, vemos casais que nos chamam a atenção exatamente por serem singularmente díspares, pois, enquanto um é muito bonito, o outro é bem o contrário.



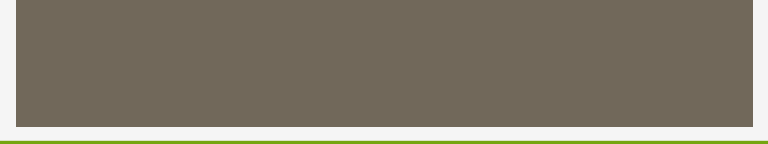
É provável que isso se deva a um fenômeno bastante comum — a atração dos opostos. Tanto quanto uma pessoa feia pode valorizar a beleza como qualidade que busca em seu parceiro, a pessoa bonita pode se desinteressar por uma qualidade que, para ela, não passa de um dom natural, em geral escassamente apreciado por não ser fruto de um especial esforço, por não ser uma conquista, mas algo recebido, por assim dizer, de mão beijada.

Na verdade, se pensarmos friamente, a beleza — como característica desejada no parceiro que buscamos — deve vir numa posição não muito destacada, visto que existem muitas outras qualidades que são de fato mais fundamentais quando procuramos nosso companheiro de viagem pela vida.



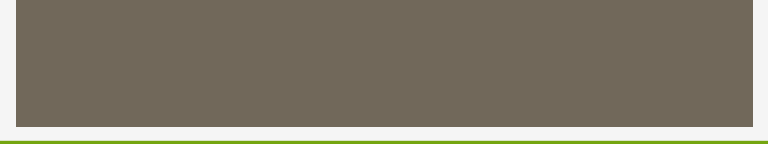
Honestidade, inteligência, capacidade de amar, diligência, generosidade, bondade, disciplina pessoal e saúde são algumas das qualidades que valorizam uma pessoa mais que simplesmente sua formosura. Daí a sabedoria popular afirmar que “beleza não põe mesa”.

Não resta a menor dúvida de que a beleza abre portas, facilita um primeiro contato, cria uma impressão favorável e uma predisposição positiva nas pessoas. Até porque ela tende a ser vista como a expressão externa de algo interno, ou seja, mostra-se como uma prévia de qualidades a serem percebidas posteriormente. Tendemos a acreditar que uma pessoa é boa e inteligente simplesmente porque é bela. Isso, porém, pode se tornar uma faca de dois gumes na medida em que se passa a esperar um melhor desempenho e um maior leque de qualidades em uma pessoa, apenas pelo fato de ela ser bonita.



É muito comum encontrarmos entre as mulheres — como corolário do mito da beleza fundamental — um outro mito: o da capa de revista. Muitas mulheres tendem a ficar inseguras quando disputam um namorado com outra que consideram mais bonita ou quando percebem seu homem manifestar interesse por uma mulher do tipo “capa de revista”.

Na imaginação, acolhem a ideia de que os homens tenderiam a procurar mulheres especialmente bonitas para serem suas parceiras, o que viria a se encaixar com a ideia de que a beleza seria mesmo a qualidade mais valorizada por eles. Podem até existir aqueles que colocam a beleza em primeiro lugar, mas é muito provável que sejam minoria. A maior parte dos homens está em busca de mulheres com outras qualidades consideradas mais fundamentais.



É muito comum encontrarmos entre as mulheres — como corolário do mito da beleza fundamental — um outro mito: o da capa de revista. Muitas mulheres tendem a ficar inseguras quando disputam um namorado com outra que consideram mais bonita ou quando percebem seu homem manifestar interesse por uma mulher do tipo “capa de revista”.

Na imaginação, acolhem a ideia de que os homens tenderiam a procurar mulheres especialmente bonitas para serem suas parceiras, o que viria a se encaixar com a ideia de que a beleza seria mesmo a qualidade mais valorizada por eles. Podem até existir aqueles que colocam a beleza em primeiro lugar, mas é muito provável que sejam minoria. A maior parte dos homens está em busca de mulheres com outras qualidades consideradas mais fundamentais.

RESUMINDO

O articulista deve:

- ▷ partir de uma questão polêmica e situar o leitor em relação a ela;
- ▷ tomar posição em relação à questão polêmica e defender o ponto de vista dele como sendo o melhor (argumentos de autoridade, por exemplificação, baseados em princípios, comparações, evidências ou em relações de causa e consequência;
- ▷ incluir opiniões de adversários, contestando-as ou desvalorizando-as com os argumentos deles
- ▷ concluir o texto reforçando a posição tomada.

PROVA DE REDAÇÃO

ATENÇÃO: Nesta prova, faça o que se pede, utilizando, caso deseje, o espaço indicado para rascunho. Em seguida, escreva o texto na **folha de texto definitivo da Prova de Redação em Língua Portuguesa**, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos. Respeite o limite máximo de linhas disponibilizado. Qualquer fragmento de texto além desse limite será desconsiderado. Na **folha de texto definitivo da Prova de Redação em Língua Portuguesa**, utilize apenas caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.

A utopia é, no seu sentido mais imediato, a representação imagética de um estado humano nunca até agora ocorrido. É sobretudo como a representação de um estado futuro da humanidade que ela adquire relevância no discurso político. Na utopia política, é representado um estado de felicidade até então inalcançado. E tal representação tem a missão muito específica de dotar a ação política de um entusiasmo mobilizador.

Alexandre Franco de Sá. *Haverá ainda lugar para a utopia política?* 2000. Internet: <www.lososofia.net> (com adaptações).

Bons tempos é o nome que damos ao passado — qualquer passado. São os bons tempos, é o nosso tempo. Passei a adolescência e parte da juventude sob a ditadura militar, e isso não impede que me pegue com frequência a acalantar uma estranha utopia em retrospecto, de que "no meu tempo" a vida tinha mais graça. De todas as formas de escapismo inventadas pelos homens para suportar o osso duro da vida real, talvez a mais inconsciente seja a idealização do passado. Mas não é de hoje que tudo fica cada vez pior aos olhos das gerações presentes. "Esse mundo tá perdido, sinhá!" — era o bordão da ex-escrava tia Nastácia nos livros infantis de Monteiro Lobato.

Maria Rita Kehl. *O passado é um lugar seguro*. Teoria e Debate, n.º 70, mar.-abr./2007 (com adaptações).



Arnaldo Antunes. Internet: <www.arnaldoantunes.com.br>.

Se eu pudesse, riscava a palavra utopia dos dicionários. Como toda a gente sabe, a utopia é alguma coisa que não se sabe onde está. Coloquemos aquilo que é utopia, aquilo que é conceito, não em lugar nenhum (...) coloquemos no amanhã e no aqui, porque o amanhã é a única utopia assegurada, porque ainda estaremos vivos (...) e, portanto, do trabalho de hoje nos beneficiaremos amanhã.

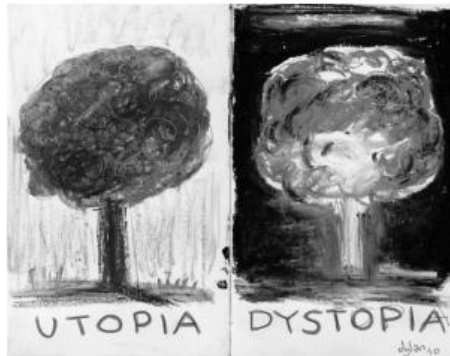
José Saramago, entrevista para o programa *O mundo do firum*, 2005. Internet: <www.lainsignia.org> (com adaptações).

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
 Também não cantarei o mundo futuro.
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
 Entre eles, considero a enorme realidade.
 O presente é tão grande, não nos afastemos.
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
 não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da
 janela,
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
 não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
 [presentes, a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade *et al* O melhor da poesia
 brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

**A vida é desafio**

Racionais Mc's

(...)

O pensamento é a força criadora
 O amanhã é ilusório
 Porque ainda não existe
 O hoje é real
 É a realidade que você pode interferir
 As oportunidades de mudança
 Tá no presente
 Não espere o futuro mudar sua vida
 Porque o futuro será a consequência do presente
 Parasita hoje
 Um coitado amanhã
 Corrida hoje
 Vitória amanhã
 Nunca esqueça disso, irmão.

Internet: <www.vagalume.com.br>

Considerando que os fragmentos apresentados têm caráter motivador, redija um texto a ser publicado na coluna **Opinião**, na edição de domingo de um jornal de grande circulação. Seu texto deve começar com a seguinte frase.

Entre o futuro imaginário e o passado idealizado, o presente...

Ao navegar pela internet, um trabalhador brasileiro leu as informações contidas nos textos reproduzidos a seguir.



Disponível em:
< charginstaamando.blogspot.com > . Acesso em: 10 mai. 2012

PF prende 2 por desvio de verbas públicas no Maranhão

Disponível em: < diariodonordeste.globo.com > . Acesso em: 10 mai. 2012

Justiça condena envolvidos no escândalo da merenda escolar em Fortaleza

Disponível em: < diariodonordeste.globo.com > . Acesso em: 10 mai. 2012.

MPF ajuizou 41 ações contra ex-prefeitos de MG em 2009

Disponível em: < www.alo.com.br > . Acesso em: 10 mai. 2012.

Promotoria denuncia seis pessoas por compra de votos em Londrina

Disponível em: < Jonalfioripa.com.br > . Acesso em: 10 mai. 2012.

- http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/concursos/gestaohospitalar2012/provas/caderno_prova.pdf

Exercício

Pelo fato de 2012 ser um ano de eleições, esse trabalhador, indignado com os acontecimentos, resolveu escrever um texto a ser publicado no jornal FALA CIDADÃO, que circula no seu bairro.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imaginando-se no lugar desse trabalhador, redija um **artigo de opinião** com o objetivo de defender um ponto de vista sobre a seguinte questão:

O voto consciente combate a corrupção?

- http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/concursos/gestaohospitalar2012/provas/caderno_prova.pdf